

Tatiana Faia

ouvir uma canção pela última vez

...ἐνθά τε Μοῦσαι
 ἀντόμεναι Θάμυριν τὸν Θρήϊκα παῦσαν ἀοιδῆς
 Οἰχαλίηθεν ἰόντα παρ' Εὐρύτου Οἰχαλιῆος:
 στεῦτο γὰρ εὐχόμενος νικησέμεν εἴ περ ἂν αὐταὶ
 Μοῦσαι ἀείδοιεν κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο:
 αἱ δὲ χολωσάμεναι πηρὸν θέσαν, αὐτὰρ ἀοιδὴν
 θεσπεσίην ἀφέλοντο καὶ ἐκλέλαθον κιθαριστύν...

*...lá onde as Musas
 encontraram Tâmiris, o Trácio, e o canto lhe calaram,
 vindo da Ecália, de casa de Êurito, o Ecálio —
 pois ufanara-se ele de as vencer, se contra ele cantassem
 as Musas, filhas de Zeus detentor da égide;
 mas elas na sua cólera o estropiaram e lhe tiraram
 o canto sortílego, fazendo-o esquecer a arte da lira...
 Ilíada 2.595-600 (tradução de Frederico Lourenço)*

para o RTM

estou a ouvir esta canção pela última vez

estou a ouvi-la não na ecália
 onde as musas castigaram o poeta tâmiris
 fazendo-o esquecer-se de como compor
 uma canção interminável
 como a ilíada ou a odisseia
 porque ele se vangloriou
 de ser capaz de cantar
 melhor do que elas

mas na cave de um pub
em st michael's street, oxford
esse mesmo
com as três cabras
no escudo à entrada
ao lado da farmácia
e do lado oposto
à loja de burritos

na mesma rua onde muito antes
de se tornarem pais de três filhos
havia um bar por baixo de uma loja de bicicletas
a que o aris trazia a maria para ele a ouvir
passar a música que ele tinha trazido
com ele de alexandria num velho computador
que quando avariou foi para nós
a morte de todas as canções da cidade velha
da promessa da atmosfera de todos os cafés
onde ainda as poderia ter escutado kavalis

é a última vez que estou
a ouvir esta canção
e não a posso cantar
porque tenho a garganta arranhada
as luzes estão todas apagadas
e mais do que escutá-la
o meu ouvido persegue o pulso
da sua melodia
que está a bater
no meu peito
sei mal a letra
e no escuro outras vozes
seguem a minha
cantam com um sentimento tão belo
que não há palavras para o descrever

mas sinto esta falta de palavras
com a mesma falta de vergonha
com que o rapsodo íon diz a sócrates
que um poeta

é inútil
não sabe de verdade
nada de medicina
a sua ciência não curaria ninguém
ou de carpintaria
seria incapaz de construir uma mesa
ou reparar uma cadeira

ao certo sei que me espanta intuir
que estas palavras foram tão amadas
neste planeta
que atravessaram uma longa corrente
até serem a energia que juntou
as pessoas que estão
nesta sala mais do que para a ouvir
para não a deixar morrer

porque o trabalho de uma canção
talvez seja perturbar
o equilíbrio entre a luz e o escuro
que se pode encontrar nela
ou talvez nem seja trabalho nenhum
apenas o nosso cuidado
o nosso prazer desinteressado nela
no que ela faz a um corpo num instante

e assim as pessoas que se juntaram
para a escutar
mais do que dançarem ao seu som
decifram-na com o corpo
expressam-na em movimentos
feitos de tanto amor e imprudência
que a canção
se torna em quem
a está a dançar

no fundo nunca estive
certa de como é que isto se faz
e agora que hei-de
chegar ao silêncio

que a estou mesmo a ouvir pela última vez
alegra-me entender
que a história que esta canção conta
é a de uma pessoa que compareceu
no sítio errado
arriscando qualquer coisa de importante
por razões indecifráveis
para as quais não há explicação nenhuma

agora que a estou a escutar pela última vez
sei que preciso de me esquecer dela
como às vezes os amantes têm de se esquecer
de uma paixão proibida
mas claro é escusado dizer
que não sou eu que a apago
é ela que me apaga a mim
e me reescreve
para mais tarde
no seu desaparecimento

Oxford, 11 e 12 de Abril de 2023